

Últimos Xetás recebem homenagens

TEXTO: Índia Mara Martins

FOTOS: Luiz Maia

GUARAPUAVA (Sucursal) - Marrecas dos Índios, localizada na divisa dos municípios de Guarapuava e Turvo, na região Centro-Oeste do Paraná, parece uma ilha de prosperidade no contexto nacional. Crianças saudáveis de traços fortes convivem com líderes indígenas preocupados em garantir a continuidade da tribo, enfrentando os desmandos governamentais e uma economia de mercado, que já chegou à reserva. É neste vale, onde a tribo Caingangue conquistou o seu espaço, que vivem Haãn e Rondon, dois remanescentes da primitiva tribo Xetá, em extinção.

Os xetás foram "descobertos" pelas brancas no início dos anos 50, na região da Serra dos Dourados, situada ao Sul do Rio Ivaí, quando os homens usavam apenas uma tanga e as mulheres andavam nuas. Com hábitos primitivos, os Xetás desconheciam totalmente qualquer técnica agrícola e extraíam seus alimentos da floresta. Haãn Xetá, apenas uma criança nesta época, única representante mulher da tribo dos Xetás, vasculha sua memória e, com sua voz suave e quase inaudível, conta que comiam muitas frutas e palmito, cortado com machado de pedra. Mas nem só de vegetais viviam os Xetás. O mató, explica Haãn, tinha muito bicho - tatu, cotia, paca - que os homens caçavam com arcos e flechas.

Em datas festivas, as mulheres socavam coco e caules de butiá para fazer bolos. Era sua função também confeccionar as tangas, única vestimenta usada pelos homens. Haãn explica que os rituais em homenagem aos deuses tribais - o Sol e a Lua - representantes de Deus, eram regados com cachaça de guabiroba, fermentada com bastante antecedência para dar o tom das cantorias destinadas aos deuses. O casamento também era uma ocasião especial para os Xetás. Enquanto os homens assavam a carne, as mulheres vestiam a noiva com um vestido trançado de folhas e pintavam seu corpo com uma resina vermelha, retirada de uma árvore frutífera.



Haãn Xetá, a única mulher remanescente da tribo Xetá.

O nascimento dos filhos também era comemorado. Quando a criança nascia, a própria mãe cortava o umbigo e os dois, mãe e filho, tomavam banho em água corrente. "As mulheres não faziam dieta. O filho nascia e elas continuavam a vida de sempre", explicou Haãn. Os Xetás também tinham uma dança própria para que os deuses fizessem o chover. A famosa dança da chuva, tema de brincadeiras na infância, tinha a originalidade dos Xetás. Os índios entravam no rio, cada um com uma folha de palmeira, e batiam na água até desmanchar o cuule, em seguida corriam para as cabanas, chamadas de tapuy. Era chuva na certa.

Seminômades, os Xetás mantêm esta característica até hoje. Haãn Xetá já morou em Ivaí, Ortigueira e Turvo. Os seus parentes, Coen Xetá, 53 anos e Tucunambá José Paraná, vivem na Reserva Indígena de Rio das Cobras; Ticoen Xetá, 23 anos, mora em Nova Tebas; Rondon Xetá, 29 anos mora em Marrecas dos Índios, e José Luciano da Silva (também chamado de Ticoen Xetá) vive na Reserva Indígena de São Jerônimo da Serra.

Rondon Xetá, que mora na mesma reserva de Haãn, é auxi-

lar de Enfermagem, nasceu em Marrecas dos Índios e não conheceu seus pais, que morreram com sarampo, logo após o seu nascimento. Trabalhou em Chapecó (SC), Manoel Ribas (PR) e estudou em Curitiba. O que sabe da história dos Xetás lhe foi contado pelos tios. Rondon gostaria de conhecer mais sobre a história dos Xetás e ressalta, que "o índio tem que ter o seu lugar, pois ficam mais à vontade". Ele tem duas filhas, Rafaela, de dois anos, e Juliane, de cinco.

COLONIZAÇÃO

Segundo dados da Funai, em 1949 iniciou-se a penetração na área da Serra dos Dourados, com o objetivo de dividir as terras em glebas para a colonização cafeeira. A floresta tropical da Serra dos Dourados era então um dos últimos recessos intocados pela colonização, onde os Xetás puderam sobreviver enquanto povo, tecnologicamente na Idade da Pedra. Assolados pela fome, em virtude das fortes geadas que atingiram as palmeiras e outras plantas que lhes forneciam os alimentos, em 1955, os Xetás começaram a ter esporádicos contatos com os plantadores de café.

Os funcionários do antigo

Sistema Nacional de Proteção ao Índio, os professores da Universidade Federal do Paraná e outros defensores dos silvícolas acreditavam que a verdadeira solução para os Xetás seria a criação da Reserva Florestal da Serra dos Dourados. No entanto, o Decreto n.º 50665 de 30 de maio de 1961, do então presidente Jânio Quadros, criou na região de Guaíra o Parque Nacional de Sete Quedas, para onde seriam agrupadas tribos indígenas de etnias diferentes.

Por ser uma região distante do habitat natural dos índios Xetás, a tribo permaneceu na Serra Dourada, que passou a pertencer aos cafeeiros. Aos poucos, os Xetás foram contaminados por doenças trazidas pelos colonizadores, como o sarampo, e morrendo. Apesar da luta dos indianistas Deoclaciano de Souza Nenê, Dival José de Souza e

Durval Antunes Machado; dos professores Loureiro Fernandes; os sertanejos Antônio Freitas e Pedro Nunes; o cinecênico Antônio Lustosa de Oliveira, o grupo de quase 250 índios foi dizimado, restando hoje apenas seis. Haãn Xetá, uma das remanescentes da tribo, confessa que fica muito alegre quando pode andar no mató. Tem vontade de voltar a viver como seus ancestrais, mas diz, entristecida que "hoje não tem mais jeito".

HOMENAGEM

Alertar a população sobre a necessidade de proteger os índios do Amazonas e outras tribos espalhadas pelo Brasil, é o objetivo da homenagem aos últimos seis

VIDE-VERSO

Xetás e aos indigenistas que lutam para preservar a tribo e sua história, prestada pela Prefeitura de Guarapuava, Funai e Polícia Militar. A cerimônia acontece às dez e meia, no próximo dia cinco de maio, na Praça 9 de Dezembro, em Guarapuava.

Os organizadores confirmaram as presenças do presidente da Funai, Dinarte Nobre Madelero, do presidente do Comitê Intertribal da Organização das Nações Unidas (ONU), Marcos Terena, do chefe do Parque Indígena do Xingu, Megaron Tchucarumãe, e do Juruna, único parlamentar indígena em 494 anos em contato com os brancos.

Assim como os Xetás, existem outras tribos brasileiras quase em extinção. Na região Sudeste do Brasil (São Paulo), morreu a última Oty Xavante em 1991. No Brasil Central (Goiás e Tocantins) existem apenas doze índios da tribo Avacanoero, que conseguiram fugir da colonização da área, apesar de matarem os filhos a cada fuga. Com o trabalho da Funai, já permitiram o desenvolvimento de duas crianças e hoje são 14.

Os seis remanescentes

HAAN XETA - Nasceu aproximadamente em 1960, na Floresta Tropical da Serra dos Dourados. Quando foi encontrada tinha em torno de três anos de idade. Vive na Reserva Indígena de Marrecas dos Índios, é casada com um índio Guaraní e tem três filhos.

COEN XETA - Nasceu aproximadamente em 1941, também na Serra dos Dourados. Quando contatado pela primeira vez tinha 13 anos. Vive na Reserva Indígena do Rio das Cobras. Tem 53 anos de idade.

TUCANAMBA JOSÉ PARANÁ - Nasceu aproximadamente em 1948 em Serra dos Dourados. Quando foi encontrado tinha seis anos e colhia frutos na copa de uma árvore. Serviu como intérprete. Casado com uma índia Caingangue, é pai de três filhos. Vive na Reserva Indígena do Rio das Cobras, onde trabalha como auxiliar de serviços gerais da Funai.

TICOEN XETA - Nasceu em 1961 na Serra dos Dourados. Tem 32 anos, casado com uma mulher não-índia com a qual tem um filho. É policial militar destacado no município de Nova Tebas, pertencente à jurisdição do comando de Guarapuava. O seu sonho era ser policial.

RONDON XETA - Nasceu em 1963 na Reserva Indígena de Marrecas, no município de Guarapuava. Tem 29 anos de idade. É casado com uma mulher mestiça com a qual tem duas filhas. Trabalha como auxiliar de enfermagem no Posto Indígena de Guarapuava.

TICOEN XETA - Com o nome branco de José Luciano da Silva, nasceu em 1951 na "Dja do Índio", portanto com 43 anos de idade. É casado com uma mulher brasileira e vive na Reserva Indígena de São Jerônimo da Serra.



Índios Caiingangues comemoram o Dia do Índio com churrasada.